

Discurso ecumênico

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — O tucano começa a decolar. Pelo menos, foi essa a sensação dos deputados e senadores do PSDB que ontem lotaram o plenário do Senado para ouvir o discurso do seu candidato à Presidência da República, Mário Covas. O cenário, o roteiro e os personagens foram cuidadosamente montados nos últimos 20 dias. O teatro parece ter sido um sucesso. Covas usou do tom de estadista que os tucanos lhe cobravam e os elogios vieram, fortes e derramados, de representantes do PMDB, PFL, PDS e PDT. "Foi um discurso ecumênico"; sintetizou depois o senador Marco Maciel (PFL-PE).

A plateia de Covas estava muito além das formas arredondadas do plenário do Senado. Distribuíam-se por importantes salas da imprensa nacional, escritórios da indústria, gabinetes de governadores, todos em busca de um candidato capaz de ocupar o promissor espaço de centro e de cativar o igualmente promissor eleitorado de classe média. Boa vontade com Covas existe. Agora, depende dele e de seu partido a conquista de um objetivo quase simbólico: o crescimento de pelo menos 3% nas próximas pesquisas.

Alguns poderosos setores da vida do País entraram na campanha presidencial sem um candidato predileto, mas com dois adversários bem definidos: Leonel Brizola, do PDT, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. O predileto surgiria, automaticamente, com um desempenho nas pesquisas suficiente para ameaçar a aparente invencibilidade de Brizola e Lu-

la. Quem, surpreendentemente se habilitou foi Fernando Collor de Mello, do PRN. A ele, contudo, faltam ingredientes básicos e essenciais ao "predileto": confiabilidade, experiência e estrutura político-partidária.

Foi mais ou menos este o tom de uma conversa, há um mês, no Rio de Janeiro, entre o empresário Roberto Marinho, das Organizações Globo, o advogado Jorge Serpa e os governadores Tasso Jereissatti, do Ceará, e Geraldo Mello, do Rio Grande do Norte. Foi desse almoço que surgiu a ideia do discurso de Mário Covas. À saída, Jereissatti e Mello encontraram-se casualmente com o ex-deputado Márcio Moreira Alves. "O que vocês estão fazendo no prédio do Serpa?", indagou Marcito. "Nada. Nós somos uma miragem", responderam os governadores.

Também foram como miragens as negociações dos tucanos que ontem tomaram corpo nos elogios a Covas feitos pelos senadores Jarbas Passarinho (PDS), Maurício Corrêa (PDT), Humberto Lucena (PMDB) e Divaldo Sruagui (PFL).

Ontem, Covas registrou que a campanha entra numa nova fase e deu seu mais importante recado aos que o temiam esguerdista. Trata-se do resultado de ampla articulação dos setores da sociedade civil com a "inteligência do Congresso" que tentam uma eleição em três turnos.

No "turno zero", lá por setembro, Collor poderá se transformar num novo Maluf. Covas terá gás para ser o beneficiário de uma velha tradição brasileira — a das alianças políticas. Agora, só falta combinar com o eleitor.

Diário da campanha

O candidato do PDT, Leonel Brizola, resolveu partir para um contra-ataque no campo do adversário. Depois de deparar com milhares de adesivos de Collor espalhados em carros, no Rio de Janeiro, os brizolistas decidiram incentivar a divulgação de adesivos com o nome do seu candidato — a iniciativa foi deslançada ontem nos táxis do Rio.

A réplica



A promessa



As primeiras palmas recebidas pelo senador Mário Covas, do PSDB, durante o discurso de ontem no plenário do

Senado, surgiram quando o candidato fez a seguinte promessa: "Jamais nomearei alguém pelo fato de ser meu amigo, ou amigo de meus amigos". Os aplausos partiram dos amigos do senador todos filiados ao PSDB.